

CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS NO ENSINO DE PROJETO DE ARQUITETURA: O CASO DOS EDIFÍCIOS MULTIFUNCIONAIS

MARTINS, Elizabete Rodrigues de Campos (1), SALEIRO FILHO, Mário de Oliveira (2)

(1) Arquiteta, Dr., professora adjunta, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, UFRJ,
(e-mail: betiarch@centroin.com.br)

(2) Arquiteto, M.Sc., professor substituto, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, UFRJ; professor, Curso de Arquitetura e Urbanismo, UGF; professor, Curso de Arquitetura e Urbanismo, UniBennett; professor, Pós-Graduação em Design de Interiores, Escola de Design, UVA; (e-mail: saleirofilho@superig.com.br)

RESUMO

A questão do ensino do projeto segue atualmente, pelo menos, duas orientações distintas: aquela que orienta para a compreensão do edifício isolado e a que o contextualiza. A primeira fundamenta e conduz a reflexão para o desenvolvimento de propostas que visem solucionar os problemas requeridos, sobretudo, pelo “mercado”.

Por entender que a formação do estudante do curso de arquitetura e urbanismo atualmente deva estar atrelada a uma visão sistêmica de mundo, na qual diversas conjunturas informativas compõem seu cotidiano e, imbuídos dessa realidade, propusemos entrecruzar a disciplina em questão com as demais da estrutura disciplinar que compõem o quadro do curso, tais como: teoria e história, análise da forma, estrutura, técnica da construção e planejamento urbano. A fim de compatibilizar a junção das áreas afins dividimos o desenvolvimento projetual em quatro fases: Observação do terreno e do seu entorno com identificação da estratégia urbanística a ser adotada; Construção do repertório de referências projetuais; Etapa preliminar de projeto / proposta (partido / implantação); Etapa final de desenvolvimento de projeto.

Esse artigo visa recolocar a espacialidade da arquitetura e o homem no centro dos debates e das reflexões a fim de se tentar construir um modelo brasileiro entendendo, sobretudo as diversidades culturais continentais do nosso próprio país.

Palavras-Chave

História da arquitetura e do urbanismo; qualidade arquitetônica; diversidade cultural; ensino de projeto de arquitetura; teoria da arquitetura.

ABSTRACT

The present question of teaching architectural project runs, at least, to two distinctive routes: one which focus on an isolated building comprehension and other, which assumes it in a wider context. The first route enbases and conducts to proposals which are more likely to solve problems, especially that ones required from building market.

Understanding that the architecture and urbanism student's present formation might be in accordance with a world systemic view, where many informative possibilities are part of their everyday lives and, being aware of it, we proposed to cross the discipline in question – architectural project – with others from the course board, as such: history and theory, formal analysis, structure, constructive techniques and urban planning. To make this crossing compatible, regarding the related disciplines mentioned, we divided the architectural project development into four phases: Site and surroundings observation with a proposition of urban strategies to be implemented; Construction of personal architectural references; Project concept (form and site planning); Final project development.

This work intends to put architectural space and men into actual debates and reflections in order to try to construct a Brazilian model, understanding, above all, the continental cultural diversities of our own country.

Keywords

History of the architecture and urbanism; architectonic quality; cultural diversity, teaching of architectural project, theory of architecture.

INTRODUÇÃO

A questão do ensino do projeto segue atualmente, pelo menos, duas orientações distintas: aquela que orienta para a compreensão do edifício isolado e a que o contextualiza. A primeira fundamenta e conduz a reflexão para o desenvolvimento de propostas que visem solucionar os problemas requeridos sobretudo, pelo “mercado”. É uma visão ancorada no sucesso tecnicista e do cálculo financeiro assistidos ainda durante a expansão das cidades do século XIX, mas que, apesar de ter, naquela época, atingido os objetivos fixados, elegeu “as finanças públicas e privadas como o principal motor do desenvolvimento urbano. (...) E fizeram da habitação especulativa o edifício tipo, com os quais todas as características volumétricas e arquitetônicas são então determinadas pela rentabilidade econômica”¹. Enquanto as características quantitativas do habitat, em seu amplo sentido predominavam na proposta da compreensão isolada, na segunda, os espaços inter-relacionavam o homem ao *loci* numa combinação que os integrava, justamente, no modo qualitativo. Quer dizer, uma orientação que estimula propostas objetivando conjugar as especificidades características de cada local, compatibilizadas a de seus usuários, criando lugares e ambientes acolhedores, confortáveis. Embora a primeira orientação não exclua a segunda, ela sublinha diferenças no modo de entender e de “informar” o próprio objeto da arquitetura, remetendo-os a questões que interferem na própria compreensão do campo disciplinar.

O que nos cabe interrogar: quem é esse mercado, tão citado, ultimamente, entre os arquitetos? — Apesar dessa questão extrapolar os limites pretendidos para o trabalho em questão, sua inserção se justifica face sua interferência no próprio modo atual de desenvolver projetos, o que se rebate no ensino deste quanto na febril qualidade das paisagens arquitetônicas.

O mercado é uma figuração abstrata das forças econômicas mercadológicas que regularizam, delimitam e dirigem os fluxos cotidianos aos quais, são impostas as orientações dos objetos arquitetura.

Seu caráter dinâmico estabelecido pelo próprio processo, convida-nos a revisitar o conceito da arquitetura e do urbanismo quanto seus objetos, aferindo a validade das influências destas orientações: continua, o objeto da arquitetura e do urbanismo, sendo o mesmo? — A questão no singular permite justamente assegurar que o homem, a quem se dedicam os projetos da casa ou da cidade, ainda continua sendo o mesmo.

Por essa razão, a casa e a cidade, devem ser ainda pensadas, a exceção da escala, do mesmo modo legado pelos ensinamentos de Alberti, Palladio e outros tantos. Com Alberti aprendemos que “a cidade é uma grande casa e inversamente a casa uma pequena cidade”², com Andréa Palladio que: “A cidade não é outro que uma certa casa grande e pelo contrário, a casa, uma pequena cidade”³. Seguindo a idéia platoniana do todo e da parte, ressaltou Alberti que a inter-relação de ambas, a casa e a cidade, vincula-se sobretudo, ao modo de olhá-las — de ver; vê-las, de profissionais que em ambas exercem o ofício. Aquele que captar, nas entrelinhas, da casa ou da cidade, o que em ambas está oculto, melhor expressará sua realidade na criação de espaços. “O espaço arquitetônico [compreendido na extensão da visão albertiniana] é criado para que o **homem** nele exerça suas atividades; esta é a função do espaço”⁴. Aqueles que exercitam o entendimento contido nas “entrelinhas” de seus anseios melhor se expressarão arquitetonicamente. Isto, para historiador Marc Bloch representava a habilidade na análise dos documentos do passado, por quem os manipulava para escrever no viés das filigranas do passado, a exibição da compreensão o presente e estes faziam jus ao título de historiados⁵.

E essa compreensão do objeto através da reflexão assegura a realização do espaço arquitetônico abrangente às funções sociais e culturais qualitativas à realização do homem. A idéia relatada

¹ A este respeito ver: GIOVANNONI, Gustavo. L'Urbanisme face aux Villes Anciennes. Traduit de l'italien par Jean-Marc Mandosio, Amélie Petita et Claire Tandille. Paris: Éditions du Seuil, 1998, p. 91, nossa tradução.

² “Civitas [...] maxima quaedam est domus minima quaedam est civitas”. Apud Françoise Choay, La Règle et le Modèle. Sur la théorie de l'Architecture et de l'Urbanisme. Paris: Éditions du Seuil, 1980, p.96. tradução nossa.

³ PALLADIO, Andréa. II Quattro Libri dell'Architettura. Milano: Hoepli Editore, Edição fac-símile, Livro II, cap. XII, 1945, p. 46

⁴ NOGUEIRA, Mauro. A Idéia do Edifício em James Stirling. Dissertação defendida em 1999 no PROARQ- FAU / UFRJ, p. 3. grifo nosso.

⁵ BLOCH, Marc, Introdução a Historia. Tradução Maria Manuel Miguel e Rui Grácio. Lisboa: Publicações Europa-América, 1965.

pelo arquiteto por Antoine Grumbach durante o longo processo de reflexão sobre a responsabilidade do ensino da arquitetura na escola de arquitetura Paris-Belleville em 1995: “O conteúdo do ensino, no meu modo de entender, está intimamente ligado à dimensão intelectual do trabalho arquitetônico. O arquiteto é um intelectual e, como tal, deve ter uma profunda e larga cultura para compreender o papel e o lugar da arquitetura na sociedade, e na cidade como quadro de seu pleno exercício. O problema é que essa cultura muito geral deve estar grampeada a competências e a um saber que não é absolutamente dispensável no seio do ensino secundário [como foi o caso do ensino de geometria plana, geometria descritiva e do próprio desenho técnico. Além disso, ele também afirma que] a história da arquitetura e das cidades é o instrumento com o qual projetamos. [Ressalta que] o estudante de arquitetura deve ter a responsabilidade social e econômica que não tem os escultores que”. trabalham com o espaço ou os artistas conceituais que trabalham com a luz ou a paisagem. Os artistas não “produzem objetos que serão utilizados pelo homem”⁶.

Portanto, a “responsabilidade social e econômica” inerente aos estudiosos e profissionais do espaço cujo homem é o protagonista, sobretudo, os da arquitetura deveria conter justamente, como formação humanística, ensinamentos nos quais todo o ser humano tivesse o direito primordial à habitação, no sentido pleno, pensadas e materializadas qualitativamente; isoladamente ou em relação ao contexto. O espaço humano não é um produto de consumo, tão pouco de “mercado”, nem relevante para a formação dos estudantes.

Entendendo a necessidade de resgatar, o papel do homem como o objeto central do campo, e sua inter-relação como o lugar de estudo em questão, sugerimos a reformulação nessa proposta de trabalho projetual.

UMA PROPOSTA DE ENSINO DE PROJETO DE ARQUITETURA

Antecedentes

Anualmente, dentro da estrutura curricular de nossa instituição é escolhido um espaço-tema para ser desenvolvido pelos diversos projetos de arquitetura (PAs). O espaço eleito para a intervenção no primeiro semestre de 2005 foi o bairro de São Cristóvão, situado na parte classificada como Zona Norte da Cidade do Rio de Janeiro e que faz interface com a área do centro denominada Cidade Nova.

Por sua situação estratégica, no que se refere à expansão da urbe, esse local foi alvo de grandes transformações urbanas ao longo do século XX, que contribuíram para a descaracterização da sua identidade. Podemos destacar a implantação da Linha Vermelha, importante ligação vetal da cidade com os municípios tanto da Baixada Fluminense como Serranos, e com os estados de São Paulo e Minas Gerais., Esse corredor viário elevado, sobrepondo ruas de comércios relevantes do bairro, morfologicamente desvalorizou física e socialmente o espaço. (foto 01)



foto 01- Elevado da Linha Vermelha
Autora Alessandra Simões

⁶ GRUMBACH, Antoine. Un "Architecte Intellectuel" pour penser le Complexe. Apud, Jean-Louis Violeau (neuf entretiens réunis par), Quel Enseignement pour l'Architecture? Paris: Ed. Recherches Ecole D'Architecture Paris-Belleville, 1999,p.80.

O estado físico e social do espaço em questão por si justificava a adoção do viés da contextualização como fio condutor. O que nos induziu a permear a história da arquitetura e urbanismo, refazendo o quadro da produção arquitetônica na Cidade do Rio de Janeiro, efetivamente realizada nos últimos trinta anos. Esse exercício teve como objetivo analisar os edifícios mais relevantes da arquitetura que compatibilizaram ideal social e contextualização na imagem da cidade como referência projetual. Curiosamente, dos edifícios ressaltados nenhum foi edificado posteriormente a construção do Museu de Arte Moderna (projeto de 1953 de Affonso Eduardo Reidy e construído ao longo da década de 60).

O que aconteceu nesse hiato temporal com a produção arquitetônica em nossa cidade?

De fato, da década seguinte à construção do MAM aos nossos dias, no âmbito do conteúdo programático dos edifícios da arquitetura carioca desenvolvidos qualitativamente não houve acréscimo significativo. Sobre esse aspecto, podemos destacar o advento da especulação imobiliária a partir da década de 70, a consolidação do engessamento da legislação edilícia norteadada pelo “mercado” e a ausência da militância do profissional da arquitetura na elaboração nas estratégias do planejamento urbano, corroboraram para o quadro instalado na arquitetura de nossa cidade. Além disso, também é possível enquadrar nesse painel, a migração de grandes empresas para São Paulo e outros centros polarizadores, ocasionando um esvaziamento de investimentos financeiros e gerando uma cidade consolidada numa ambiência caótica. Vale lembrar que apesar da legislação edilícia de cidades vizinhas como, por exemplo, São Paulo entre outras, a espacialidade dos empreendimentos imobiliários não sacrificou os futuros usuários dos mesmos, tendo em vista que as dimensões dos produtos resultantes mais se aproximaram da cultura brasileira não se restringindo aos espaços mínimos prescritos na “Bíblia dos Modernos”. Nesse caso, a tríade “métrô, boulot, dodô”⁷ respeitou nossas práticas sócio-culturais provendo ao homem mais espaço para desenvolver tantos outros hábitos brasileiros: costurar, pintar, etc.

Por isso, ressaltamos o pensamento do professor e arquiteto Hans Broos com a qual concordamos: *“Estamos num sinal de colapso, deixou no esquecimento o mais importante para a arquitetura, que é falar sem palavras... a população da cidade é tão grande que não há palavras para educar o povo... a massa populacional precisa ser educada pela arquitetura”*⁸. Não há dúvida que o século passado foi renomadamente conhecido como a era da comunicação. Entretanto, o diálogo fluido e mudo no qual impera a educação entre a urbe e o homem ainda está por se realizar. O falar sem palavras sublinhados no relato atual de Broos vai ao reencontro direto das preocupações que fez questão de assinalar o pensamento albertiano, instigando-nos em as deixar rebater no encontro com nossa cidade.

Como o processo mnemônico é importante para a fixação de teorias e de práticas dentro das disciplinas na seqüência dos PAs, achamos interessante destacar a questão do espaço que é a função da arquitetura e do homem como sujeito deste. Historicamente, a disciplina de projeto, dada sua posição na estrutura curricular, tratava temas sobre Edifícios Complexo de Uso Misto, no qual se incluía, inicialmente, comércio e escritórios, integrando escalas espaciais de grande e médio porte. Diante do panorama esboçado, respaldados pelos conceitos de Alberti, da casa como a cidade ou vice-versa, e norteados na idéia de que o professor da disciplina de planejamento arquitetônico deva contemplar a busca do conhecimento das necessidades reais para o objeto da arquitetura, propusemos inserir a habitação gerando assim um programa multifuncional, atendendo a solicitação da ementa convencional e do espaço-tema. É importante lembrar que nos processos de revitalização urbana é a habitação que representa o papel principal, sua presença causa a contínua utilização do espaço urbano; nos permitindo adotar a permeabilidade, a privacidade e a sociabilidade como conceito projetual.

A produção arquitetônica consiste, segundo Edson Mahfuz⁹, em grande parte, na transformação e adaptação do conhecimento existente à luz de circunstâncias sempre variáveis. Prosseguindo o desenvolvimento da disciplina, pesquisamos então os antecedentes, ancorados tanto no projeto para Paris de 1825 de Haussmann, cuja novidade consistia na implantação comercial no térreo

⁷ Célebre expressão popularmente usada na França para caracterizar o cotidiano dos franceses: deslocamento, trabalho e dormida.

⁸ Entrevista Hans Broos. In Revista Projeto Design, São Paulo, n.302, p.7, abr.05.

⁹ MAHFUZ, Edson. Teoria, História e Crítica, e a Prática do Projeto. In, MAHFUZ, Edson, O Clássico, o Poético e o Erótico e outros Ensaios. Porto Alegre: Ed. Ritter dos Reis, 2002, p. 69.

dos edifícios, bem como os mais contemporâneos que contribuíssem como referências e critérios projetuais. Encontramos como exemplo brasileiro o Edifício Brascan Century Plaza, projetado por Königsberger Vannucchi Arquitetos Associados e no internacional do Housing Silo IJ, concebido pelo MVRDV Arquitetura em Amsterdã – Holanda.

O conjunto arquitetônico brasileiro foi construído na área onde até 1990 funcionou a fábrica de chocolates Copenhagen, “uma espécie de ícone olfativo do bairro”¹⁰ paulista do Itaim Bibi. Vale lembrar que inicialmente o proprietário cogitava erguer no terreno um *Shopping Center*, hipótese construtiva que os incorporadores da Brascan não queriam descartar devido à carência de espaços públicos que o local apresentava. Havia algo mais importante a implantar no contexto daquele sítio, uma função que ocupasse mais temporariamente aquele lugar efetivamente. A contratação dos arquitetos em parceria com as preocupações de ocupação do espaço-simbólico do Itaim Bibi veio consolidar numa proposta conceitual para o empreendimento onde tinha como mote a articulação de espaço privado se estendendo como espaço público de uso coletivo (foto 02). Diante dessa realidade, arquitetos e incorporador elegeram como conteúdo programático à quadra multifuncional na qual se agregou um hotel-moradia, dois edifícios de escritórios e um complexo cultural com serviços contemplando justamente a lacuna desse bairro. Com relação à volumetria desse conjunto arquitetônico ela representa:

*arquitetura possível dentro do segmento imobiliário. Se não incita grandes discussões do ponto de vista da linguagem, há aspectos técnicos que merecem ser destacado como o da pesquisas de materiais... Trata-se de uma experimentação criada em resposta à necessidade de reduzir o custo da obra e de garantir a qualidade técnica contribuindo para qualificar o conjunto.*¹¹

A preocupação dos arquitetos do Conjunto Brascan ultrapassa as fronteiras continentais e também se reflete no pensamento da arquiteta Laura Espejo Escorial fundamentado no pensamento de Giancarlo de Carlo:

*...Ao mesmo tempo temos direito de perguntar “porque” a moradia deve ser o mais barata possível, e não, por exemplo, relativamente cara; “por que”, em vez de fazer todo esforço possível para reduzi-la a níveis mínimos de superfície, de espessura, de materiais, não deveríamos tentar torná-la espaçosa, protegida, isolada, confortável, bem equipada, rica em oportunidades de privacidade, comunicação, intercâmbio, criatividade pessoal. Ninguém, na verdade pode dar-se por satisfeito com uma resposta que apela para a escassez de recursos disponíveis, quando todos sabemos o quanto se gasta nas guerras, na construção de mísseis...”*¹²



foto 02 – Vista da Praça Entrecortada do Edifício Brascan Century Plaza
Revista Projeto nº 285 – Novembro 2003

Não será uma boa hora de pensar na questão da espacialidade e do barateamento dos materiais para se fazer uma boa arquitetura? Não será interessante para a própria arquitetura ser contemplada nas páginas da Revista Veja (fotos 03-10) com exemplares a fins de serem verdadeiramente classificados como arquitetônicos em vez dos que compõem a matéria “Endereços em Alta” dos quais o Edifício Caemi é o menos comprometedor para o campo.

¹⁰ MELENDEZ, Adilson. *Arquitetura Comentada: Quadras Multifuncionais Brascan Century Plaza - Königsberger Vannuchi*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. p. 14.

¹¹ Op. cit p.18-19. grifo nosso.

¹² DE CARLO, Giancarlo. *Legitimizing Architecture*. Apud Kenneth Frampton. *História Crítica da Arquitetura Moderna*. In ESCORIAL, Laura Espejo Editorial O Problema da Habitação. In Revista de Arquitectura e Arte, Lisboa, n.28, p.11, nov./dez.04.

“Atualmente, esse edifício está firmado como um marco da região em função da centralidade como descreveu Melendez”¹³.



foto 03
Edifício Bolsa do Rio



foto 04
Torre Almirante



foto 05
Centro Empresarial Botafogo



foto 06
Leblon Corporate



foto 07
Centro Empresarial Dr. Sylvio Fraga



foto 08
Centro Empresarial Leblon Hotel



foto 09
Le Monde



foto 10
Centro Empresarial Mourisco

Fotos 03 – 10 Revista Veja-Rio Ano 14 N° 21

Já o exemplo holandês (foto 11) se trata de uma mistura de residências, escritórios, espaços de trabalho, espaços públicos e comerciais organizados num plano urbano de 20m de profundidade por 10 pavimentos de altura. A tipologia adotada foi inspirada em referências históricas tanto dos silos de cereais, que posteriormente foram adaptados como residências, como nos containers empilhados de Silosdam¹⁴. A proposta arquitetônica consiste numa gama de 4 a 8 gêneros

¹³ Op. cit. P.14.

¹⁴ Projectos Housing Silo IJ, Amesterdão, Holanda. In Revista de Arquitectura e Arte, Lisboa, n.28, p. 17, nov./dez. 04.

diferenciados de espaços de habitação em função de uma procura de pessoas com uma diversidade de necessidades, colocadas, numa tentativa de “pequenos-bairros”.



foto 11 – Housing Silo IJ

Revista de Arquitetura e Arte Ano V – nº 28 Novembro / Dezembro 2004

A partir dos referenciais expostos, o estudante estará capacitado a resolver o projeto a partir da seguinte fundamentação:

1. Desenvolvimento de um repertório projetual adequado;
2. Trabalhar com massas e estruturação espacial adequada ao entorno imediato, considerando os aspectos arquitetônicos e urbanísticos;
3. Determinar o programa adequado ao dimensionamento e concepção dos espaços;
4. Incorporar as soluções técnicas e construtivas adequadas ao estágio de desenvolvimento do projeto, em especial contemplando as instalações das redes e infra-estruturas prediais.

Por entender que a formação do estudante do curso de arquitetura e urbanismo atualmente deva estar atrelada a uma visão sistêmica de mundo, na qual diversas conjunturas informativas compõem seu cotidiano e, imbuídos dessa realidade, propusemos entrecruzar a disciplina em questão com as demais da estrutura disciplinar que compõem o quadro do curso, tais como: teoria e história, análise da forma, estrutura, técnica da construção e planejamento urbano.

Assim o escopo e programa para a realização do trabalho “multifuncional” da disciplina foram subdivididos em quatro exercícios:

Exercício 1 – Observação do terreno e do seu entorno com identificação da estratégia urbanística a ser adotada;

Exercício 2 – Construção do repertório de referências projetuais;

Exercício 3 – Etapa preliminar de projeto / proposta (partido / implantação);

Exercício Final – Etapa final de desenvolvimento de projeto.

O primeiro exercício, realizado após a aula inaugural do curso, consistiu numa visita a campo, para a observação minuciosa da quadra onde se insere o lote adotado. Foram ressaltados, sobre a planta aerofotogramétrica da área em questão, através de croquis desenhados a lápis os edifícios significativos e informações pertinentes ao lugar: tráfegos e fluxos, traçado viário e suas direções, usos do solo e tipo de parcelamento, conforto ambiental (orientação, clima, ventos dominantes e acústica), tipologia, mobiliário urbano, história, paisagismo, composição social do quarteirão, a fim de elaborar um catálogo dos dados referentes à dinâmica do bairro em questão no formato A3 (fotos 12, 13 e 14). Com a formatação deste repertório, o estudante estará apto para definir os parâmetros projetuais. Ao catálogo é também solicitado um estudo de massa, na escala 1:1000, monocromático, com material reciclado, de todo o entorno da área em estudo, no qual o vazio do terreno será preenchido por cada um dos projetos realizados, no seminário final e fotografado (foto 15).



foto 12 – Estudo do Entorno
Autores do Trabalho Brunna Paldês e Robert Jefferson de Melo

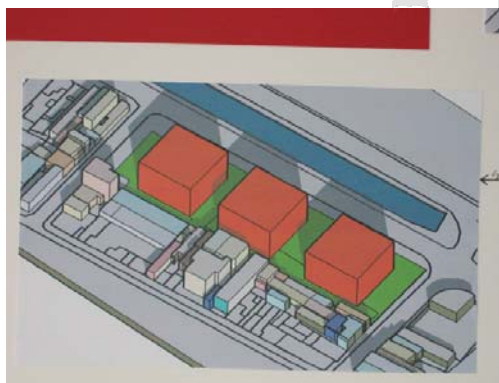


foto 13 – Sombras Incidentes no Terreno
Autoras do Trabalho Apoena Borges e Liane Barbosa



foto 14 – Batalhão de São Cristóvão
Autor Mickael Peillet



foto 15 – Estudo de Massa
Autores Turma de PA 4 – 2005.1

Fotos 12, 13 e 15 Autora Ana Beatriz Rocha

O segundo exercício tem como objetivo aprofundar a análise crítica das referências projetuais /conceituais de autores de projetos semelhantes ao solicitado, expandindo e consolidando o repertório projetual arquitetônico e urbanístico de cada estudante. Assim, parafraseando Mahfuz; “o que se espera do processo de aprendizado ao longo [do curso de projeto] de arquitetura é que o conhecimento adquirido através da prática projetual, informada através de teoria, história e crítica, possa contribuir para evitar a arbitrariedade e resultar na forma pertinente. Mais do que ensinar os estudantes a projetar de uma determinada maneira, o objetivo [da disciplina é] a preparação do espírito crítico [destes] (...): transferindo as experiências alheias para a própria, por meio do exame e do estudo de obras nas quais se reconheça como dados do projeto foram entendidos e valorizados pelos arquitetos, a que intenções suas decisões se vinculavam, em um momento histórico específico”¹⁵. O aluno selecionará obras paradigmáticas que sirvam de repertório de análise que consolidem o conceito que ele desenvolverá nesse exercício a partir de resoluções arquitetônicas selecionadas objetivando: o uso do terreno (critérios relevantes à implantação de um edifício em determinado local); as tipologias formais, volumétricas e espaciais (adequação ao tema, inovação, geração de impactos visuais, etc.); a funcionalidade [setorização (distribuição dos diversos setores em relação aos pontos de acesso considerando as relações de dependência entre setores) (foto 16), estudos de acessos e fluxos (acessos de público, funcionários); os sistemas construtivos, materiais (soluções estruturais em concreto e / ou aço), modulação, pré-fabricação, materiais usados em coberturas e fechamentos como chapas metálicas, vidros e etc; conforto ambiental (orientação solar, ventos e acústica) (foto 17)].

¹⁵ MAHFUZ, Edson. Teoria, História e Crítica, e a Prática do Projeto. In, MAHFUZ, Edson, O Clássico, o Poético e o Erótico e outros Ensaios. Porto Alegre: Ed. Ritter dos Reis, 2002, p. 69.



foto 16 – Funcionalidade
Autoras do Trabalho Alessandra Simões e Rafaela Romero

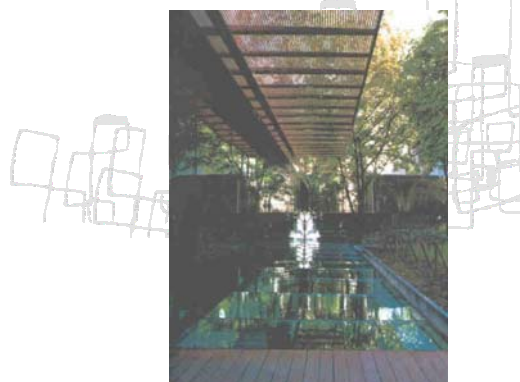


foto 17 – Conforto Ambiental
Autoras do Trabalho Brunna Paldês,
Michelle Poyares, Patrícia Fontaine

O terceiro exercício, o aluno deverá dar soluções às questões de organização dos espaços de acordo com o desenvolvimento de um programa arquitetônico, e dar dimensão e hierarquização correta dos ambientes, consolidando as questões de conceituação espacial, objetivando a organização do edifício segundo quatro grupos de espaços que se inter-relacionam: 1. Apoio / Administração (que aglutinam as atividades de segurança e administração); 2. Serviços (que agrupam o apoio aos funcionários, as infra-estruturas e a carga-descarga); 3. Atividades (que concentram os usos principais de escritórios e serviços); 4. Habitação. Nessa fase de trabalho, o discente centralizará os estudos na consolidação do partido arquitetônico que será revelado através de representação gráfica do projeto com cotas gerais sendo exigida: a planta de implantação na escala 1:500 [com definição dos setores edificadas, vias de acesso, acessos e estacionamentos de público e funcionários, áreas para carga e descarga e utilização de áreas de lazer externas (áreas de contemplação, jardins, espelhos d'água), níveis, indicação de norte e de curvas de nível]; as plantas baixas setorizadas dos pavimentos que compõem o edifício, indicando os diferentes níveis com indicação dos pontos de acesso, dos eixos de circulação verticais e horizontais e corte esquemático devendo permitir a clara e compreensão da resolução espacial e programática, em pranchas em formato A3 ou proporcional. A intenção volumétrica será evidenciada através de um estudo de massa elaborado na escala 1:1000, que será inserido na maquete do entorno que foi elaborada no primeiro exercício acadêmico.

No exercício final a ênfase do trabalho é na resolução dos aspectos técnico-construtivos do projeto, compatibilizando necessidades espaciais no que compete às instalações prediais aliada ao dimensionamento dos espaços, conforme o item anterior. O aluno deverá apresentar planta geral de implantação com definições dos setores edificadas (vias de acessos, acessos e estacionamentos de público e usuários, áreas para carga e descarga e utilização das áreas de lazer externas, orientação solar, quadro geral de áreas); plantas baixas de todos os níveis (com áreas e nomes dos compartimentos); planta de cobertura [com indicação de telhas ou lajes impermeabilizadas, calhas, clarabóias, iluminação zenital, locais técnicos (casas de máquinas de elevadores, equipamentos do sistema de ar condicionado, exaustão mecânica) reservatórios superiores, casa de bombas de incêndio]; cortes longitudinal e transversal (com identificação dos espaços seccionados, níveis); fachadas gerais com indicação de cheios e vazios; e um detalhe a solução de um problema construtivo pertinente ao desenvolvimento do projeto, bem como a distribuição do mobiliário interno nos espaços do escritório dos pavimentos tipo (esc.1:100). Os desenhos plantas, cortes, fachadas e perspectivas devem ser feitos em escala 1:250. Além disso, será elaborada a maquete do conjunto na escala 1:1000, para ser inserida na maquete do entorno a fim de que mostre as relações de escala com a paisagem e o homem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A abordagem metodológica exposta vincula a importância da história da arquitetura e do urbanismo na contextualização da elaboração da qualidade arquitetônica. Nosso objetivo é enfatizar a importância do espaço na construção da cidade, onde reportamos a luz do conceito albertiano de que a cidade é uma grande casa e a casa é uma pequena cidade. O estudante de arquitetura baliza seu projeto tendo como ênfase a abordagem modernista, respaldando e

consolidando soluções arquitetônicas ancorados no espaço mínimo, concebendo objetos arquiteturais com péssima qualidade espacial se distanciando da história.

É importante lembrar que na casa brasileira o homem desenvolve outras atividades, diferentes daquelas desenvolvida pelos ventos colonizadores tanto europeus como americanos. Esse artigo visa recolocar a espacialidade da arquitetura e o homem no centro dos debates e das reflexões a fim de se tentar construir um modelo brasileiro entendendo, sobretudo as diversidades culturais continentais do nosso próprio país.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BLOCH, Marc. Introdução a História. Lisboa: Publicações Europa-América, 1965.
- GIOVANNONI, Gustavo. L'Urbanisme face aux Ville Anciennes. Paris: Editions du Seuil, 1998.
- GRUMBACH, Antoine. Un "Architecte Intellectuel" pour penser le Complexe. Paris: Ed. Recherches Ecole D'Architecture Paris-Belleville, 1999.
- MAHFUZ, Edson. O Clássico, o Poético e o Erótico e outros Ensaios. Porto Alegre: Ed. Ritter dos Reis, 2002.
- MELENDEZ, Adilson. Arquitetura Comentada: Quadras Multifuncionais Brascan Century Plaza – Königsberger Vannucchi. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- NOGUEIRA, Mauro Neves. A Idéia do Edifício em James Stirling. Dissertação de Mestrado, Rio de Janeiro: PROARQ / FAU / UFRJ, 1999.
- PALLADIO, Andrea. Il Quattro Libri dell'Architettura. Milão: Hoepli Editore, 1945.
- Revista de Architectura e Arte. Nº 28 Futurmagine Editora, 2004.
- Revista Projeto Design. Nº 285 Arco Editorial, 2003.